



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
Segunda Sessão Plenária da 5ª Cúpula das Américas**

Porto de Espanha – Trinidad e Tobago, 18 de abril de 2009

Primeiro, quero cumprimentar e agradecer ao primeiro-ministro Manning, pelo tratamento carinhoso do povo de Trinidad e Tobago.

Segundo, eu estava pleiteando aqui, nada mais nada menos do que o mesmo tempo que o Daniel Ortega teve para falar... Parece que não é possível. Vou falar o mesmo tanto que falou Cristina, Obama e o Primeiro-Ministro de Belize.

Primeiro, eu quero agradecer ao nosso anfitrião, o primeiro-ministro Manning, ao seu governo e ao povo de Trinidad e Tobago pela hospitalidade com que estão nos recebendo.

A agenda original desta reunião foi definida bem antes da inclusão da grave crise econômica e financeira que hoje afeta toda a Humanidade. Uma crise que teve sua origem no mundo desenvolvido, mas se espalhou por todos os continentes.

A América Latina e o Caribe sofrem, hoje, a queda das exportações, a escassez do crédito internacional, a diminuição dos investimentos, a retração do turismo e das remessas.

Nos anos 80 e 90 do século passado, o pensamento conservador, que foi incapaz de prever e prevenir os efeitos das recentes aventuras especulativas do capital financeiro, nos impôs ajustes econômicos retrógrados, discriminatórios e vazios de preocupação social. Aquelas políticas foram ditadas por supostos especialistas que não conheciam nossa região, mas que agiam com o acordo submisso de parte de nossas elites dirigentes. O modelo hegemônico separava o econômico do social, opunha estabilidade ao crescimento, desqualificava a política e a ação do Estado, ridicularizava a



noção de soberania nacional.

O legado desse período foi doloroso, mas reagimos de forma madura. Nossas sociedades buscaram saídas institucionais para atender a aspirações, há tantos anos frustradas. Por meio de eleições democráticas e participativas, fomos forjando projetos alternativos de desenvolvimento. A região vem consolidando avanços sociais e econômicos. Políticas de combate à fome, à pobreza e à exclusão social são, hoje, prioridades.

Mostramos que só há desenvolvimento quando se combina crescimento com distribuição de renda. A região amadureceu coletivamente. Nossas políticas se guiam pelo respeito à diversidade, e estamos corrigindo assimetrias que prejudicam os parceiros menores.

Sica, Caricom e Unasul, da mesma forma que o Mercosul, são exemplos de uma nova concepção de integração. Representam reais opções de governança regional que contribuem para a construção de um mundo multipolar, regido pelos princípios do multilateralismo.

Esta cúpula demonstra que nossa região não admite fórmulas rígidas, pensamento único e imposições unilaterais. A integração das Américas supõe diálogo político e cooperação para o desenvolvimento. O exemplo do Haiti mostra que a segurança coletiva tem que se combinar com o respeito à soberania nacional e com a redução das desigualdades.

Não hesitamos em enfrentar a violência e a criminalidade transnacional. O Conselho de Defesa da Unasul e o Conselho de Combate às Drogas buscarão soluções regionais para essas ameaças.

Amigos e amigas,

A recente cúpula do G-20 foi demonstração de engajamento coletivo para enfrentar uma crise sistêmica. Adotamos decisões, em Londres, que agora precisam ser colocadas em prática. Essas decisões têm, também, as marcas dos países em desenvolvimento, e delas participamos. Era, e é, urgente reformar a arquitetura financeira mundial e os seus organismos.



Precisávamos aumentar os recursos do FMI e do Banco Mundial para ajudar, sem condições, países pobres e em desenvolvimento. Era, e é, necessário criar linhas de crédito mais flexíveis. Sei que, por si só, essas e outras medidas não resolverão a crise, mas o papel dos líderes políticos não é só o de denunciar, mas também de propor e construir alternativas viáveis.

Quero aqui reiterar meu apoio à próxima reunião da Ecosoc, das Nações Unidas, quando serão discutidas e propostas alternativas para a crise atual. Na América Latina e no Caribe estamos fazendo nossa parte para vencer a crise, acelerando o ritmo de nossa integração em infraestrutura e fortalecendo as cooperações em políticas sociais.

O comércio deve ser poderoso indutor de desenvolvimento, funcionando como medida anticíclica na conjuntura atual. Para tanto, ele deve ser justo e equilibrado, preservando a capacidade dos Estados nacionais de formular políticas voltadas para o crescimento e a geração de empregos. A conclusão da Rodada de Doha é, assim, fundamental. Mas é fundamental também restaurar o financiamento para as economias em desenvolvimento, especialmente para os países mais pobres. O aumento do capital do BID, o fortalecimento da CAF e o lançamento definitivo do Banco do Sul ajudarão na retomada do crescimento e na geração de empregos.

Amigos e amigas,

A crise não deve servir de desculpa para retroceder nos compromissos com tecnologias ambientalmente sustentáveis ou abrir mão das fontes renováveis de energia. A sociedade quer e exige combustíveis renováveis limpos e baratos.

A região reúne condições climáticas e de solo para exportar energia sem descuidar de nossa demanda interna, menos ainda de nossa segurança alimentar. Seríamos os primeiros a condenar os biocombustíveis se ameaçassem a oferta de alimentos ou a preservação de nossas florestas. A produção de etanol à base de cana-de-açúcar, respeitada a realidade de cada



país, aumenta a segurança energética e alimentar e gera divisas. Os biocombustíveis são arma eficaz na luta contra o aquecimento global.

O Brasil está pronto a compartilhar as tecnologias que desenvolveu por mais de 30 anos, e a ampliar e fortalecer iniciativas de cooperação triangular. Assumimos compromisso de redução das emissões de carbono, que vão além do estabelecido pelo Protocolo de Quioto. Estamos reduzindo o desmatamento na Floresta Amazônica, e garantindo a preservação dos ecossistemas e o uso sustentável da floresta por seus habitantes.

Amigas e amigos,

Nosso esforço integrador nas Américas será sempre incompleto enquanto persistir, em nossas reuniões, a anômala exclusão de um dos países do continente, que é Cuba. Tive o privilégio de acolher na Bahia, em dezembro do ano passado, a Cúpula da América Latina e do Caribe sobre integração e desenvolvimento. Lá, todos os países latino-americanos e caribenhos declararam, de forma inequívoca, seu apoio ao fim do bloqueio econômico, comercial e financeiro que ainda vigora contra Cuba.

As relações com Cuba serão um sinal importante da disposição nossa e dos Estados Unidos em relacionar-se com a região. As medidas tomadas até agora pelo presidente Obama vão em boa direção, mas todos nós concordamos que é apenas um começo. É importante que sejam ampliadas e venham sem pré-condições, afinal, quem mais sofreu e ainda sofre com as restrições do bloqueio é o povo de Cuba. O diálogo direto entre os dois governos pode abrir o caminho para superar essa situação, com a qual as Américas não querem mais conviver.

Meus amigos e minhas amigas,

Não poderia concluir minhas palavras, sem perguntar-lhes: para que servem reuniões como esta? Elas são um espaço democrático de confronto de ideias e concepções que refletem, na sua diversidade, as distintas situações históricas de nossos países. Essa diversidade é positiva e não devemos temê-



la. Mas este é também um espaço em que devemos buscar construir alternativas, se possível, alternativas comuns. Essa construção não pede que esqueçamos o passado, mas ela deve privilegiar o futuro.

O êxito desta cúpula depende do engajamento pleno de todos os países da região nessa empreitada. Nossos atos e gestos concretos demonstrarão que não há mais lugar em nosso continente para políticas de isolamento. Por meio da solidariedade, da inclusão e do respeito às diferenças poderemos estabelecer as bases para uma nova fase do desenvolvimento das Américas. Vamos tornar realidade o sonho de assegurar a todos os países acesso às oportunidades de crescimento econômico, à educação, à saúde, à segurança e à paz.

Muito obrigado pela paciência.

(\$211B)